

As concepções de História na *História do Brasil* de Rocha Pombo

Ivan Norberto dos Santos*

Resumo: Esta comunicação pretende discutir algumas das diferentes concepções de História presentes na "História do Brasil, ilustrada", de José Francisco da Rocha Pombo, seja as apontadas no prefácio pelo historiador, seja as efetivamente praticadas na elaboração da obra. A partir da análise das múltiplas e contraditórias noções mobilizadas pelo historiador paranaense, busca-se identificar parte das representações acerca da produção do conhecimento historiográfico que conviviam, se sobrepunham ou entravam em conflito no debate político-intelectual brasileiro do início do século XX. Algumas dessas concepções configurariam modos possíveis de tratamento acerca do passado que foram gradualmente perdendo espaço para certo tipo de historiografia que se tornou hegemônico, particularmente a partir da "profissionalização" do campo da História no Brasil.

Palavras chave: Historiografia - História do Brasil - Primeira República

Abstract: This paper intends to discuss some of the different conceptions of History presented in José Francisco da Rocha Pombo's "História do Brasil, ilustrada", either the conceptions suggested in his preface as much as the ones he delivered through his work. Beginning from the analysis of the multiple and contradictory notions mobilized by the historian, the intent here is to identify part of the representations of the historiographical knowledge that cohabitated, juxtaposed or got in conflict with the early twentieth century political and intellectual debate. Some of this conceptions configured possible ways of dealing with the past that gradually lost space for the type of writing of History that later became hegemonic, specially after the "professionalization" of History's field in Brazil.

Key-words: Historiography - Brazilian History - First Republic

Quando, em 1905, aos quarenta e oito anos de idade, o jornalista, poeta, romancista e professor, José Francisco da Rocha Pombo, começou a publicar a sua *História do Brasil*¹, a qual consumiu, nos anos seguintes, doze anos até a edição do seu décimo e último tomo, fazia apenas cinco anos desde a sua entrada para o círculo dos sócios oficiais do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. O tempo exato desde a publicação do seu primeiro título no gênero historiográfico. Apesar da História não contar então no Brasil com um espaço regular de formação disciplinar, talvez fosse possível afirmar, a guisa de provocação, que, em 1905, Rocha Pombo fosse ainda um neófito no âmbito da História. Porém, por outro lado, não se poderia concluir que esse intelectual entrasse nesse tipo de produção despido de algum razoável arsenal acerca do que seria, mais ou menos implicado, mais ou menos esperado de um escrito historiográfico.

* Mestrando do Programa de Pós-graduação em História Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro. O presente trabalho foi realizado com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, CNPq-Brasil.

¹ A *História do Brasil, ilustrada*, de Rocha Pombo, foi publicada de 1905 a 1917, dos volumes I a III por J. Fonseca Saraiva Editor, e dos volumes IV a X, por Benjamim de Aguilã Editor, todos no Rio de Janeiro.

Rocha Pombo proporcionou, em alguns de seus escritos, esparsos indícios acerca daquilo que compreenderia como História. Concepções variáveis e multifacetadas, algumas dessas se encontrariam enunciadas explicitamente no prefácio da sua *História do Brasil*, num diálogo expresso com determinadas tradições. Outras aparecem apenas através de uma análise dos seus textos. Afinal, em que medida aquilo que se encontraria expresso como discussão “científica” ou filosófica, contribuiria, ao fim ao cabo, para uma compreensão do resultado de um trabalho historiográfico como o de Rocha Pombo? Que outras questões entrariam em jogo na produção de um trabalho historiográfico, à época e no caso de Rocha Pombo, para além do que se apresente enquanto discussão, mais ou menos conceitualmente, cientificamente ou historiograficamente formulada?

A proposta do presente trabalho é, tão somente, organizar algumas das indagações possíveis nesse sentido. Parto da pretensão de discutir que, algumas das idéias que organizam o trabalho historiográfico encontram-se clara, filosófica ou politicamente determinadas, e nem derivam, necessária ou absolutamente, de um âmbito conceitual, profissional ou acadêmico. É à História da Historiografia que se deve muitas vezes a construção, *a posteriori*, de uma memória isenta e imparcial para a própria constituição do campo. Conforme André Freixo,

A historiografia pode, portanto, vir a funcionar como um agente constituinte e legitimador de memórias e tradições que as antecedem e também as sucedem. A partir da historiografia memórias se oficializam e, por conseguinte, se recriam e ressignificam. (FREIXO, 2007: 7)

O título da primeira parte do prefácio, escrito por Rocha Pombo para o volume I do seu livro de História do Brasil, “A concepção moderna de História”, pode tanto levar um leitor atual a enganos, quanto ser desde logo esclarecedor. Esclarecedor, por exemplo, de um debate ao qual o autor pretenderia, desde o início do seu trabalho, remeter, para localizar ou construir a sua posição diante do mesmo. Enganador se, precipitadamente, supormos que seria a semelhante conceito “moderno” de História, no sentido que confere ao termo o historiador Rocha Pombo, que o mesmo pretenderia se filiar na composição final da sua obra.

Certamente o longo prefácio cumpre, ao final de suas trinta páginas, uma atribuição de clássica de indicar ao leitor o modo como seria esperado que o mesmo se aproximasse do seu texto. A partir da segunda metade da sua longa seção introdutória Rocha Pombo parece realmente, a princípio, querer indicar a maneira como pretenderia compor o seu trabalho, a qual não viria a ser, declaradamente, aquela ele próprio discute no prefácio como sendo a maneira “moderna” de produção nesse gênero. Mas a sua finalidade principal parece clara: posicionar o livro, em vias de ser dado ao público leitor, em relação a uma tradição de crítica

3

e discussão filosófica acerca da História.

Desde o princípio uma questão central é apresentada pelo historiador: “será a História uma Ciência?” A sua primeira afirmação seria a de que, até os seus dias, não haveria se constituído uma Ciência da História. Segundo Rocha Pombo, dois conceitos entrariam então em contradição: um, que negaria qualquer possibilidade da História constituir-se sobre bases então reconhecidas como científicas, e outra, que admitiria o estabelecimento de uma ciência histórica a partir da consolidação de uma “ciência social”. Rocha Pombo afirma acompanhar, nesse ponto, as concepções de Buckle², bem como as classificações das Ciências de Comte e o “cientificismo” spenceriano. Rocha Pombo partiria, com suas proposições, da possibilidade de se determinar as leis que regulariam a formação das sociedades. O que caracterizaria uma ciência histórica seria a descoberta dessas leis que regulariam o funcionamento do devir histórico, cuja classificação estaria a cargo dos grandes filósofos ou homens de talento, a partir do vasto material e documentação coligida pelo trabalho inicial dos pesquisadores (POMBO, 1905: v-vi).

Todavia, não seria possível uma colagem absoluta entre os dois tipos de ciências – o de uma sociologia científica, à maneira de Buckle, ou a histórica, à espera do seu grande teórico ou sintetizador. O exemplo apresentado por Rocha Pombo seria o de que leis consideradas como históricas, tais como o desenvolvimento da civilização ou da humanidade, não se sustentariam enquanto “leis sociais” diante dos casos particulares de extinção e decadência de sociedades inteiras. Portanto, a ciência social, conceitualmente mais estabelecida que a ciência histórica, não estaria tão melhor posicionada diante dessa quanto pareceria à primeira vista.

Essa discussão acerca do critério de cientificidade da história colocava-se na ordem do dia, e constitui peça fundamental para compreender alguns dos pressupostos de Rocha Pombo. Para este, a cientificidade implicava, portanto, em encontrar as lógicas implícitas nas relações e no desenvolvimento dos fenômenos estudados, como se daria com as ciências da natureza. Nesse sentido não poderia se dizer que haveria já uma ciência da história organizada, mas Rocha Pombo não tinha dúvidas em considerar que, “se a História não é

² Henry Thomas Buckle (1821-1862), Historiador inglês, autor de uma *História da Civilização na Inglaterra* (1857-1861), dois volumes de um gigantesco projeto incompleto; teria tentado aproximar os campos da História e da Sociologia das Ciências Exatas, propondo a possibilidade de se encontrar as Leis que regulariam o desenvolvimento humano. Auguste Comte (1798-1857) filósofo francês, considerado por alguns estudiosos como um dos fundadores da Sociologia, termo que teria cunhado; criador da “filosofia positiva”, o seu modelo de Positivismo teve ampla veiculação entre a intelectualidade brasileira, em particular nos meios republicanos, civis e militares. Herbert Spencer (1820-1903) filósofo inglês, representante do chamado “darwinismo social”, tendência que adaptava as concepções evolucionistas de Charles Darwin para a análise das sociedades, suas idéias acerca da classificação das ciências eram muito apreciadas por Rocha Pombo.

4

ainda uma ciência definitivamente formada – é pelo menos uma ciência em vias de formação” (POMBO, 1905: xxi).

A presença de uma Filosofia da História e de uma proposta Iluminista, bebendo no positivismo cientificista e numa fonte hegeliana, são evidentes no Prefácio de Rocha Pombo, ainda que o nome do filósofo alemão não apareça citado: “o espírito que vai vencendo a natureza é cada vez mais forte e brilhante” (POMBO, 1905: vii), afirma o historiador paranaense. A fala de Rocha Pombo apresenta, assim, ecos de diferentes leituras e tradições, que vão do cientificismo e do evolucionismo característicos da ambiência cultural do século XIX a claras referências a textos de natureza sociológica. Todavia uma herança da Filosofia da História do século XVIII é ainda marcante na sua busca de um sentido e de uma racionalidade passível de ser apreendida pelo estudo da história, configurando o que Rocha Pombo denomina como a concepção moderna de história:

Para os modernos consiste a tarefa do historiador em apanhar cada vez mais com mais precisão e o mais nitidamente possível as relações entre os fatos humanos, para sabermos cada vez melhor e com mais segurança, em que sentido eles se vão desdobrando. (POMBO, 1905: xxi)

Isto colocava a sua noção da tarefa historiográfica a ser realizada pelo seu próprio trabalho entre um passado da disciplina historiográfica, considerado por Rocha Pombo como sendo a fase na qual a história se limitaria a um mero relato dos acontecimentos num esforço de crônica, e um futuro desta mesma, onde a ciência histórica se realizaria plenamente. Não apenas a *realidade*, mas a própria trajetória da História como conhecimento estaria submetida a um movimento evolutivo:

Nós hoje não podemos tratar a história como simples narrativa ou mero registro dos fatos sociais. O nosso espírito não fica resignado com a tarefa de constatar apenas e sem um esforço ao menos no intuito de apanhar o sentido em que se exerce a ação coletiva de um agrupamento humano. (POMBO, 1905: xix)

A realização da grande síntese histórica, que permitiria ao futuro historiador cientista encontrar as suas leis deveria aguardar, portanto, o desenvolvimento da própria disciplina, com suas novas capacidades e competências:

É fácil de compreender que, assim entendida, a História reclama do historiador, além de uma soma extraordinária de conhecimentos especiais, uma cópia de informações tão completas e exatas que tornem possível e segura a aplicação de tais conhecimentos. (POMBO, 1905: xxi)

O desenvolvimento de tais discussões no prefácio do maior empreendimento historiográfico de Rocha Pombo, remete, portanto, a uma tentativa de balizamento e

5

constituição de um lugar para o seu texto em uma discussão que ele próprio tratava de modo pertinente ou não, de apresentar, tendo em vista que esse passa ao largo de inúmeras questões já bastante debatidas no seu tempo, como, por exemplo, a discussão em torno e a crescente importância da crítica documental, para o trabalho do historiador. Uma crença fervorosa no estabelecimento vindouro de uma ciência histórica, calcada em métodos rigorosos que privilegiariam mais o esforço de síntese e de generalização das leis, permitiria a Rocha Pombo assumir, à revelia das possíveis críticas e recepções, que não pretende fazer com o seu trabalho uma ciência, embora não pareça ter dúvidas de que fazia História.

O trabalho de um historiador “moderno”, no sentido proposto por Rocha Pombo, seria o de estabelecer as relações entre os fatos resultantes da ação humana no tempo, e a conseqüente projeção do seu sentido teleológico. Rocha Pombo podia desse modo, em um duplo movimento, admitir que não era ainda o realizador da ciência histórica do futuro, e ligar o seu trabalho à linhagem dos historiadores do passado: “a minha tarefa é ainda a mesma tarefa secundária dos que me precederam” (POMBO, 1905: xxi). Assim, as suas proposições estabeleceriam um reconhecimento invertido dentro de uma tradição constituída, pois todos aqueles que antes dele próprio tivessem se dedicado a escrever uma História do Brasil, incluindo Varnhagen, não teriam realizado algo necessariamente maior, ou melhor, que aquilo que ele próprio iria empreender.

Assim resguardado, Rocha Pombo pode então indicar os seus procedimentos de trabalho. Ao referir-se, num trecho muito comentado do seu prefácio, à impossibilidade e falta de tempo para freqüentar arquivos, estaria estabelecendo um diálogo com o texto “programático” de Karl Ph. von Martius, para o IHGB, “Como se deve escrever a História do Brasil”, (VON MARTIUS, 1845: 381-403) e reportaria à recomendação de Von Martius da busca de acesso aos arquivos e fontes estrangeiras, particularmente os pertencentes às ordens religiosas. A proposta metodológica de Rocha Pombo pode, portanto, ser resumida pela seguinte passagem:

Não pondo em cálculo o material informe existente nos nossos arquivos e bibliotecas – só os trabalhos de consubstanciação parcial já representam regular contribuição cujo proveito não se pode desconhecer. Temos a nosso alcance bom número de monografias, de memórias e narrativas, de teses e dissertações e até de histórias particulares de alguns Estados; e tudo isto nos facilitará o arranjo do contexto histórico, simplificando-se portanto enormemente a nossa tarefa: a qual, como se vê, se reduz a uma classificação – apenas mais vasta talvez do que as existentes até agora, – de todo o material com que tem de contar o historiador futuro. (POMBO, 1905: xix)

Se a tarefa do verdadeiro historiador seria a produção da grande síntese histórica, se as

6

realizações anteriores à sua podiam ser apresentadas como produções ainda muito próximas da crônica, Rocha Pombo não consideraria uma falta indispensável a não utilização de fontes primárias no seu trabalho. Compulsar grande parte da produção de seu tempo, discutindo-a e relacionando-a, tornando-a “apenas mais vasta talvez” (POMBO, 1905: xix), seria a missão específica, ao menos a admitida no prefácio, como modo de contribuir para o desenvolvimento da História. Isto não o tornaria certamente, segundo seu próprio juízo, o historiador cientista do futuro, mas não o fariam menos historiador que um Varnhagen ou um Capistrano, por exemplo. Por outro lado, acrescentar inúmeros pequenos detalhes ou discussões a um corpo único consolidado como História do Brasil, contribuiria para agregar dados que Rocha Pombo acreditaria serem indispensáveis para que a ciência histórica pudesse mais tarde capturar corretamente aquelas leis específicas do desenvolvimento histórico brasileiro.

No tocante à recepção da *História do Brasil* de Rocha Pombo em sua época a diferença entre o dito e o feito, como concepções de História, ou seja, entre o estabelecido no prefácio e o realizado na obra, é significativa. Por um lado a tentativa de construir um espaço intelectual particular, posicionando-se com relação às discussões teóricas do seu tempo, ainda que de forma anacrônica ou extemporânea. Por outro, a realização de um trabalho que fica, de fato, num espaço híbrido, que não consistiria, todavia, no lugar teleologicamente intermediário pretendido pelo autor, entre a História antiga, compreendida como arte ou crônica, e a História moderna, da síntese sociologicamente estabelecida. A duplicidade da sua História repousa no caráter vulgarizador do intelectual que buscava educar através da popularização dos conhecimentos, das reflexões e discussões, como parte de um horizonte utópico de enriquecimento dos espíritos através da divulgação das informações e saberes.

A mescla resultante, entre uma narrativa factual com uma crítica interpretativa das discussões de diferentes autores e concepções, deixava o livro de Rocha Pombo numa dura encruzilhada. Mesmo na sua época, a sua extensa elaboração deixava a leitura do livro cansativa para o leitor. Os critérios de seleção do que deveria entrar no seu debate particular também não seguiam tópicos acadêmicos ou de relevância intelectual. Muito do que o autor mobilizava poderia ser deixado de lado, mas aparentemente o que Rocha Pombo procurava deixar claro, era a sua erudição acerca do que pretendia escrever. Monografias desconhecidas, debates sobre documentações menos importantes, tudo entrava na composição da obra.

Por outro lado, sem sua característica “resenhística”, o que resta são os “fatos”, aquilo que na proposição de Ramiz Galvão tornava o trabalho de Rocha Pombo “um celeiro de

7

documentos e informações preciosas” (GALVÃO, 1933: 784-785). Mereceria, então, a *História do Brasil* de Rocha Pombo a fama de trabalho convencional, “oficialista”, sem esforço intelectual ou de pesquisa? O caso é que Rocha Pombo nunca deixou de ser um autodidata, um diletante, um amador do conhecimento, no estrito senso do termo, que possuía a expectativa de levar, de compartilhar com outros amadores, o que viesse a encontrar como saber. O que Rocha Pombo realizou com sua *História do Brasil* não foi simplesmente um trabalho convencional, na contra corrente do progresso da disciplina, mas fazia parte de um projeto intelectual particular, o qual não animou a recepção crítica da intelectualidade que lhe era contemporânea.

Rocha Pombo constituiu, portanto, um exemplo de trabalho de historiador no qual aquilo que mais determina sua prática vai além, sem evidentemente jamais excluir, todo o debate exclusivamente “oficial” em torno da História, sua teoria e seus conceitos, ao qual, contudo, ao teorizar, o mesmo procurava se remeter. E vai além rumo ao vulgar, que não se podia assumir impunemente no espaço da produção profissional do saber. Perguntar se um caso como esse seria uma exceção ou uma regra entre o conjunto dos historiadores extrapolaria as possibilidades ínfimas de tudo o que foi considerado ao longo deste trabalho. Mas é uma pergunta possível, e sob alguns aspetos, imensamente sedutora.

Bibliografia

FREIXO, André de Lemos. Entre Musas e Paradigmas: memória, história e a produção de conhecimento sobre o passado. In: *Anais do XXIV Simpósio Nacional de História (ANPUH): História e multidisciplinaridade: territórios e deslocamentos*. São Leopoldo: Unisinos, 2007.

GALVÃO, Ramiz. Necrológio de Rocha Pombo. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. n. 168, 1933, 784-785.

POMBO, Rocha. *História do Brasil*. Rio de Janeiro: J. Fonseca Saraiva Editor (Vol. I-III); Benjamim de Aguilá Editor (Vol. IV-X), 1905-1917.

VON MARTIUS, Karl. Ph. Como se deve escrever a história do Brasil. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro, 6 (24) 1845: 381-403.